

## TRADUÇÃO

### *O Fragmento de Finnsburh: apresentação e tradução*

Erick Ramalho

Mestre em Literaturas de Expressão Inglesa  
pela UFMG  
[erickramalho@uol.com.br](mailto:erickramalho@uol.com.br)

É como se o relance luminoso das espadas germânicas antigas (*hildeleoma*, ou lume de luta, é *kenning*<sup>1</sup> anglo-saxã para espada) lançasse luz instantânea sobre alguns versos de um manuscrito, e, findo o brilho, restasse o escuro das partes que, embora ali escritas, não puderam ser vislumbradas. O trecho remanescente do poema ao qual é comum referir-se como *O Fragmento de Finnsburh* (*The Finnsburh Fragment*) é de beleza peculiar. Também conhecido como *A Luta em Finnsburh* (*The Fight at Finnsburh*), este poema escrito na Inglaterra anglo-saxã trata do tema conhecido como o “episódio de Finn”, que também se encontra em *Beowulf* (versos 1068 a 1159). Também se acredita que os nomes Ordlaf e Guþlaf, presentes no *Fragmento*, correspondam, respectivamente, a Oslaf e Guðlaf, os guerreiros do povo Dano mencionados em *Beowulf*. O estilo do *Fragmento*, entretanto, é bem distinto daquele de *Beowulf*: “Ao passo que o *Fragmento* é inspirado pelo desejo e pelo júbilo da batalha, o tema do Episódio [em *Beowulf*] é sobremaneira o pesar acerca disso tudo; o legado do pesar e da vingança...” (Chambers 1959: 248. Aqui, na minha tradução para o português).

O manuscrito que traz o *Fragmento* foi perdido, e resta apenas a transcrição do mesmo, a qual foi publicada (sem o início e sem o final do poema), em 1705, no volume *Linguarum Vett. Septentrionalium Thesaurus* (Tesouros das Línguas Setentrionais Antigas) de George Hickes. A data de composição do *Fragmento* não pode ser precisada, acreditando-se ser o poema contemporâneo a *Beowulf* — cuja datação é, por sua vez, também imprecisa: por volta do século X.

Quanto a Hickes, é comum elogiar-se sua iniciativa de copista, sem a qual não conheceríamos o *Fragmento*, embora sejam freqüentes as críticas à sua falta de zelo no trabalho de transcrição, pois erros de cópia, como os que são óbvios no *Fragmento*, existem também em outras transcrições feitas por ele, as quais podem ser comparadas com seus respectivos manuscritos, ainda existentes. Essa imprecisão de Hickes torna necessárias algumas alterações em sua transcrição do *Fragmento*: no segundo verso, por exemplo, costuma-se emendar *Næfre* como *Hnæf*, nome que aparece no verso 40 do poema (ver Jack 1994: 212-213).

Quanto à tradução, cumpre elucidar que, ao verter o *Fragmento* para a língua portuguesa, mantive os mesmos preceitos utilizados por mim em minha tradução de *Beowulf* (Tessitura Editora, no prelo), os quais explico brevemente em meu artigo em “A figuração do tempo em *Beowulf*. Do original à tradução” (Ramalho 2004). O texto em inglês antigo ora apresentado trata-se da edição semi-diplomática da transcrição de Hickes que serve de base para várias edições do poema. Vali-me da edição de Jack (1994) apenas para cotejá-la à transcrição do poema, bem como para considerar suas anotações e comentários, sem, portanto, reproduzi-la aqui.

\* \* \* \* \*

hornas byrnað?’  
[H]næ[f] hleoþrode ða heaþogeong cyning:  
‘Ne ðis ne dagað eastan ne her draca ne fleogeð  
ne her ðisse healle hornas ne byrnað.  
Ac her forþ berað, fugelas singað,  
gylleð græghama, guðwudu hlynneð,  
scyld scefte oncwýð. Nu scyneð þes mona  
waðol under wolcnum; nu arisað weadæda  
ðe ðisne folces nið fremman willað.  
Ac onwacnigeað nu, wigend mine,  
habbað eowre linda, hicgeaþ on ellen,  
winnað on orde, wesað on mode.’  
Ða aras mænig goldhladen ðegn, gyrde hine his swurde;  
ða to dura eodon drihtlice cempan  
Sigeferð and Eaha, hyra sword getugon  
and æt oþrum durum Ordlaf and Guþlaf  
and Hengest sylf hwearf him on laste.  
Ða gyt Garulf Guðere styrde,  
ðæt he swa freolic feorh forman siþe  
to ðære healle durum hyrsta ne bære  
nu hyt niþa heard anyman wolde  
ac he frægn ofer eal undearninga  
deormod hæleþ hwa ða duru heolde.  
‘Sigeferþ is min nama,’ cweþ he, ‘Ic eom Secgena leod,  
wreccea wide cuð, fæla ic weana gebad  
heordra hilda. Ðe is gyt her witod  
swæþer ðu sylf to me secean wylle.’  
Ða wæs on healle wælslihta gehlyn,  
sceolde cellod bord cenum on handa,  
banhelm berstan, buruhðelu dynede,  
oð æt ðære guðe Garulf gecrang  
ealra ærest eorðbuendra  
Guðlafes sunu, ymbe hyne godra fæla  
hwearflicra hræw. Hræfen wandrode  
sweart and sealobrun. Swurdleoma stod  
swylce eal Finnisburh fyrenu wære.  
Ne gefrægn ic næfre wurþlicor æt wera hilde  
sixtig sigebeorna sel gebæran  
ne nefre swetne medo sel forgyldan  
ðonne Hnæfe guldan his hægstealdas.  
Hig fuhton fif dagas, swa hyra nan ne feol  
drihtgesiða, ac hig ða duru heoldon.  
Ða gewat him wund hæleð on wæg gangan,  
sæde þæt his byrne abrocen wære  
heresceorp unhror and eac wæs his helm ðyrel.  
Ða hine sona frægn folces hyrde,  
hu ða wigend hyra wunda genæson  
oððe hwæþer ðæra hyssa \* \* \* \* \*

\* \* \* \* \*

cumeeiras se queimam?’  
Hnæf<sup>2</sup> lá falou, jovem na luta, e Rei:  
“Isso não é a manhã, nem nenhum  
dragão cá voa, nem as cumeeiras se queimam,  
5 neste salão. Algo à frente sai.<sup>3</sup> Cantam  
pássaros. Com cota de pêlos grises,  
lobo uiva.<sup>4</sup> Lança, madeira de luta,  
silva. Setas contra broquéis. Sob nuvens  
errante, a lua esplende. Estes atos levam  
10 (tristes) aversão à gente. Acordai,  
varões meus, e empunhai vossos escudos  
de tília. O valor vede e, também, tende  
coragem, na dianteira a colocar-vos.”  
Nobres (muitos) de pé postos, as mãos  
15 nas espadas — de ouro ornados. Heróis,  
Sigferth e Eaha à porta encaminharam-se.  
Seus gládios sacaram. E os seguiram  
Ordlaf, Guthlaf, Hengest. Garulf a Guthere  
aconselhou, pois, que ele, lá, o arnês,  
20 à porta, não pusesse (ao ataque primo),  
co’ a sua vida nobre, pois varão bravo  
queria, dele, a tirar.<sup>5</sup> Ao corajoso  
guerreiro falou (que a porta guardava):  
“Sigferth é meu nome”. E disse: “Eu sou  
25 do povo Secgena. De prélios (pugnas  
árduas) experiência tenho: exilado  
conhecido eu sou. Qualquer conseqüência  
que desejes de mim decretar-se-á.”<sup>6</sup>  
Som de carnagem no salão. Quebrar-se  
30 deve o pavê do bravo — protetor  
de ossos redondo. Ressoou o chão, ‘té  
Garulf ruir, rebento de Guthlaf, entre  
corpos: primeiro deles a cair. Corvo  
de brilho escuro circulava. Espadas  
35 fulguravam, como se o fogo a Finnsburh  
tomasse. Homem nunca houve, com tanta honra  
nas disputas (digno do hidromel doce)  
que não Hnæf, junto (assim ouvi) aos jovens  
de sessenta vitórias. E por cinco  
40 dias, sem que homem caísse, a defender  
a porta, todos tanto pelejaram.  
Ferido, um varão finou-se. Dissera  
que, ali, em pedaços, o arnês se partira,  
que sua cota enfraquecera; e seu elmo  
45 se perfurara. Pergunta fizera-lhe,  
logo, do povo o Lorde protetor:  
quem, dos heróis, às chagas escapou,  
e de como os jovens \* \* \* \* \*

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes primárias:

*BEOWULF*. Inglaterra, entre o séc. VII e o séc. IX. Edição do texto original, anotada e comentada, de George Jack. Oxford: Oxford University Press, 1994.

*THE FIGHT AT FINNSBURH*. apud *Linguarum Vett. Septentrionalium Thesaurus*. Transcrição do manuscrito por George Hickes. Londres, 1705. Republicada pela Oxford em 1970.  
*THE FIGHT AT FINNSBURH*. Apud *Beowulf: A Student Edition*. Edição de George Jack. Oxford: Oxford University Press, 1994.

### Fontes Secundárias:

*BEOWULF*. Tradução, introdução e notas de Erick Ramalho. Edição bilíngüe (inglês anti-go/português). Belo Horizonte: Tessitura (no prelo).  
CHAMBERS, R. W. *Beowulf: an Introduction to the Study of the Poem with a Discussion of the Stories of Offa and Finn. With a Supplement by C. L. Wrenn*. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.  
JACK, George (ed.). *Beowulf: A Student Edition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.  
KLAEBER, Fr (ed.). *Beowulf and the Fight at Finnsburg*. 3 ed. Boston, D. C. Heath, 1950.  
RAMALHO, Erick. “A figuração do tempo em *Beowulf*. Do original à tradução”. *Brathair*. 4 (2), 2004: 127-141. <http://www.brathair.com> Acessado em 06 de dezembro de 2006.

### NOTAS

<sup>1</sup> *Kenning* é uma espécie particular de metáfora, cuja compreensão demanda o conhecimento prévio de sua estrutura e de seu sentido. Por exemplo, *hronrad*, “via de baleias”, é *kenning* que significa “mar”. Conforme explico alhures, as *kennings* são “(...) um esforço pictórico a partir da palavra, pois instituem, pela linguagem, a figuração de determinada imagem composta, de modo breve e particular, pela conjugação de duas outras entre cujos referentes distintos (elementos naturais ou sociais da realidade) se estabelece uma relação específica e arbitrária que conduz a imaginação (*imaginatio*, a produção de imagens mentais) não simplesmente à imagem final, produto das duas iniciais, mas, com impressionante dinâmica de sentidos, ao processo de referenciação em si, revelando as três imagens como formas autônomas e, simultaneamente, em sua mutuação de sentidos. Assim, (...) as *kennings* representam aspectos distintos da realidade, então interrelacionados no contexto poético da narração de eventos épicos, permitindo vislumbrar não apenas o jogo de imagens estabelecido entre as palavras que o originam, mas também o próprio estabelecer-se, por assim dizer, —o processo de estabelecimento de significações no contexto poético— das imagens em seu movimento semântico.” (Ramalho 2004:131).

<sup>2</sup> Na transcrição de Hickes está “*Næfre*”, forma mantida por alguns editores, embora no verso 40 o nome que aparece na transcrição seja o de *Hnæf*.

<sup>3</sup> Conforme a transcrição de Hickes, o trecho em inglês antigo é “*ac her forþ berað*”, em que o verbo *beran*, “carregar”, “levar”, “conduzir”, apesar de sua transitividade, não se relaciona com nenhum objeto, o que faz supor que (i) uma parte do texto foi perdida logo após este trecho (Jack 1994:212) ou (ii) o objeto do verbo *beran* seria o equipamento bélico (lanças, flechas e escudos) mencionado nos versos seguintes (Klaeber 1950: 250). Na tradução, mantive a indefinição de “algo” que, surgindo, pode ser o que é descrito nos versos que o seguem (o que estaria de acordo com Klaeber) ou, de maneira ambígua, alguma coisa que, se perdida, mostra-se indefinida também em sua construção em língua portuguesa.

<sup>4</sup> Conforme explica Jack (1994), o lobo, assim como o corvo e a águia, é uma das “bestas de batalha”, e sua menção lembra a carnificina dos campos bélicos. Veja-se nos versos 33 e 34, a descrição do corvo que sobrevoa o salão em meio às mortes durante a pugna dos guerreiros.

<sup>5</sup> Isto é, o conselho de que não atirasse sua vida (representada pelo corpo em movimento coberto pela armadura) contra o ataque primeiro de um guerreiro que o esperava para matá-lo.

<sup>6</sup> Isto é, aquilo que virá da ação bélica desejada: quer o triunfo, quer a morte.